

Considerações sobre um velho debate

Dos propósitos e modos de se escrever histórias

De los propósitos y modos de escribir historias: consideraciones sobre un viejo debate

Sur les propositions et modes de écrire l'histoire: considerations sur un vieux débat

On proposals and modes of writing history: considerations on an old debate

Mariana Lamego



Electronic version

URL: <http://terraBrasilis.revues.org/617>

DOI: 10.4000/terraBrasilis.617

ISSN: 2316-7793

Publisher:

Laboratório de Geografia Política -
Universidade de São Paulo, Rede Brasileira
de História da Geografia e Geografia
Histórica

Electronic reference

Mariana Lamego, « Dos propósitos e modos de se escrever histórias », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 21 Junho 2013, consultado o 02 Outubro 2016. URL : <http://terraBrasilis.revues.org/617> ; DOI : 10.4000/terraBrasilis.617

This text was automatically generated on 2 octobre 2016.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Considerações sobre um velho debate

Dos propósitos e modos de se escrever histórias

De los propósitos y modos de escribir historias: consideraciones sobre un viejo debate

Sur les propositions et modes de écrire l'histoire: considerations sur un vieux débat

On proposals and modes of writing history: considerations on an old debate

Mariana Lamego

Existe um slogan do Partido que concerne ao controle do passado”, disse, “Repita, por favor”. “Quem controla o passado controla o presente, quem controla o passado controla o futuro”, repetiu Winston submisso. “Quem controla o presente controla o passado”, disse O’Brien com um lento aceno de cabeça em aprovação. “Você acredita mesmo, Winston, que o passado tenha uma existência real? O passado é ‘atualizado dia a dia’ e o controle do passado depende de uma espécie de educação da memória. Verificar que todos os documentos escritos concordem com a ortodoxia do momento só constitui um ato automático da inteligência. Mas também é preciso, ao mesmo tempo, lembrar que os fatos ocorreram daquela determinada maneira. E se é necessário corrigir a própria memória, e reajustá-la com documentos escritos, é preciso que depois nos

esqueçamos de tê-lo feito.”
George Orwell

Introdução

- 1 A citação do brilhante 1984 de George Orwell poderia ser replicada em muitos dos trabalhos que abordam a sempre atual discussão a respeito do propósito de se escrever a história, ou seguindo a linha atual da supressão do singular, as histórias da geografia.
- 2 Legitimação do presente, refundação do passado, ressurreição dos mortos, enterros de velhos cânones, apagamento de práticas passadas, inclusão dos outsiders, ou ainda chave de compreensão do estado da arte atual... Poderiam ser esses alguns dos motivos que nos mobilizam a escrever as histórias das idéias geográficas? É o passado uma invenção arquitetada para justificar o presente? O passado importa porque explica o presente? É o passado tangível o suficiente para propiciar algum entendimento do presente que se crê real? É o passado intangível o suficiente para que dele se possam “descobrir” novos fatos, personagens e histórias?
- 3 É na direção de questionamentos como esses que caminha o presente artigo. O sentido da história sustenta seus propósitos, que por sua vez, alinham seus métodos. O como construir narrativas depende invariavelmente do por que construí-las. Assunto inesgotável, ressalte-se, tendo em vista a necessidade de se manter em constante exame a utilidade das histórias e, por conseguinte, os usos que delas se faz.
- 4 Há dezoito anos um estimulante debate intitulado *Rethinking the History of Geography* acontecia durante a Conferência Anual do Institute of British Geographers (IBG) em Londres. Sentados à mesa, cinco expoentes da geografia britânica, interessados na construção de narrativas do conhecimento geográfico, debruçados sobre o tema das tradições geográficas. David Matless, Felix Driver, Gillian Rose, Clives Barnett e David Livingstone. Na berlinda, o livro *The Geographical Tradition* (1992) de David Livingstone, o último a apresentar suas idéias no debate.
- 5 Assim como este, os debates sobre a historiografia levados a cabo nos extertores do século XX apontaram ao que poderia se chamar a virada histórica. Momento no qual afloram os chamados estudos culturais, as abordagens pós colonialistas, os science studies e outras perspectivas que se aventuram na compreensão dos paradigmas, das imagens da ciência, das tradições de pesquisa, dos estilos de pensamento ou o termo que se disponha a usar para designar os processos de construção do conhecimento humano. Tais ferramentas começam a ser adotadas na construção das histórias do conhecimento geográfico e a perspectiva crítica dessa adoção não se pode perder de vista.
- 6 Naquele mesmo ano de 1995, o debate ganha as páginas da revista do IBG, *Transactions of The Institute of British Geographers*, tornando-se um conjunto de cinco artigos que nunca deixou de merecer leitura e que, curiosamente, segue um tanto desconhecido entre nós. O que move este artigo é, portanto, o interesse em compartilhar alguns muito importantes tópicos a respeito dos propósitos e modos da escrita das histórias de geografia que foram tratados nesses artigos e que não perderam sua validade. Muito pelo contrário, para os interessados pelas histórias das idéias geográficas, pelas histórias da disciplina, pelas histórias dos geógrafos e tantas outras possíveis histórias, questões como o papel e a importância da genealogia, as questões de gênero, a discussão sobre herança e

descendência, a prática enciclopédica, entre outras, permanecem latentes na condução de nossas inquietações e investigações.

- 7 Isso posto, este artigo divide-se em três seções. Na primeira é traçado um breve panorama geral das condições e contingências do debate em torno da obra de David Livingstone. Na segunda seção são apresentados de forma mais detalhada aspectos de cada um dos artigos que qualifico como inquietações para um geógrafo ocupado nas histórias da disciplina. Na última seção, são alinhavados alguns pontos principais que apontam a possíveis caminhos metodológicos para as pesquisas na área.

Sobre o debate: um pouco de história

- 8 A sessão de debates realizada não pretendeu ser, nas palavras de Felix Driver (1995) que assina o editorial, uma resposta orquestrada ao livro *The Geographical Tradition*, de Livingstone (1992). De fato, o propósito era propiciar uma discussão mais aberta sobre possibilidades e limites que se colocam a respeito do tema das tradições na investigação geográfica. Em pauta estariam os diferentes modos de se escrever a história da disciplina e, principalmente, os propósitos que comandam essa empreitada.
- 9 Orientando o debate, questões sobre os modos de construção das chamadas tradições, sobre as possibilidades de outros modos de escrita da história da disciplina e sobre a existência de uma “política” historiográfica.
- 10 O momento de uma sensível virada histórica, em curso à época, apontava o claro enfraquecimento da estrutura dualista que se fez presente em boa parte dos debates sobre as histórias da geografia. Nessa estrutura contrapunha-se de um lado uma perspectiva percebida como conservadora, evolucionista, e de outro lado uma abordagem contextual radical. Tal estrutura foi posta em questão justamente por meio da chegada de abordagens alternativas como os estudos culturais, pós-coloniais, da perspectiva feminista e dos science studies. Os artigos que compõem o debate, realizados em um momento de resgate da discussão historiográfica e revigoração das pesquisas históricas na disciplina, em grande medida, sugerem questões que desconstróem a todo instante essa caduca bipolaridade.
- 11 Por tratar de temas tão caros para a historiografia da disciplina, o debate segue atual, especialmente entre nós, geógrafos latino americanos, acostumados com a importação e adoção dos modos de se fazer e escrever a história da disciplina e muitas vezes descuidados em relação às suas razões de ser ou mesmo em relação às suas chances de adaptação. Em discussão está, de fato, o próprio conceito de história, o projeto das histórias da disciplina e os deveres daqueles que se propõem a escrevê-las.

Sobre a história: um pouco do debate

- 12 A estrutura dessa seção segue a sequência dos artigos publicados na *Transactions*, que por sua vez, segue a sequência das apresentações no debate. A decisão de apresentar ao menos duas ideias centrais extraídas e discutidas de cada artigo respeitando a sequência da publicação se dá em função da necessidade de apresentar de modo o mais coerente possível a linha de argumentação de cada autor. Ressalte-se que os artigos seguem uma estrutura textual similar, iniciando com algumas críticas endereçadas aos modelos tradicionais de construção da história apontando suas incoerências, passando por uma

discussão dos desafios que se apresentam no campo e finalizado com proposições para uma nova agenda.

Genealogia e Legitimação

- 13 Quem assina o primeiro artigo, intitulado *Effects of History* é o geógrafo britânico David Matless, professor da Universidade de Nottingham na Inglaterra. Matless tem uma série de publicações sobre a noção de paisagem e da história da música a partir de uma perspectiva geográfica. Boa parte de suas pesquisas atuais enquadram-se na abordagem dos chamados estudos culturais.
- 14 O artigo de Matless (1995) traz duas grandes contribuições ao debate sobre propósitos e métodos da história que merecem uma análise mais detida. A primeira delas é a defesa que Matless faz da potencialidade do método da genealogia, a partir da perspectiva apontada por Foucault, na construção de uma história ‘efetiva’ e a discussão a respeito do papel da história para e na investigação geográfica do presente.
- 15 Segundo Matless (1995, 405) os limites do conhecimento geográfico não estão de forma alguma circunscritos ao domínio do que se convencionou chamar de geografia. Assim, mais importante do que procurar por novas definições, seria reconhecer que a disciplina é mais um dentre os muitos gêneros do conhecimento geográfico, e nesse caso, uma parte crucial da história desses conhecimentos é a demarcação das fronteiras de conteúdo e contingência da disciplina.
- 16 Matless faz uma crítica à escolha de Livingstone em *The Geographical Tradition* ao usar metáforas evolucionistas para tratar a geografia histórica. O problema no uso de tais metáforas, segundo Matless (1995, 405), seria a manutenção de um sentido de coerência na história que de fato não existe ou seria impossível sustentar.
- 17 A metáfora evolucionista considera transformações, mutações, adaptações em uma espécie mutante, ainda assim, pressupõe a permanência da unidade dessa espécie. E nesse ponto é que reside o problema. Como solução possível, Matless sugere os caminhos abertos pela genealogia e pela história efetiva de Foucault.
- 18 Para Matless o propósito das histórias, preocupação central no artigo, pode ser bem desenvolvido a partir da reflexão que faz Foucault (1986 apud Matless, 1995), a respeito da genealogia e da chamada ‘história efetiva’. A genealogia seria a solução pois a ela não importa a questão da transcendência do objeto, no caso da ‘espécime’ geografia. A genealogia não busca uma identidade inviolável que estaria na origem histórica das coisas, pelo contrário, a ela o que interessa é dissensão.
- 19 Sendo assim, a genealogia surge como uma forma de se fazer a história que pode conter os conhecimentos, os discursos, os domínios dos objetos sem necessariamente referenciar-se ao problema da suposta uniformidade ou transcendência do objeto. Ao invés de manter tal preocupação, segundo Matless (1995, 406), ocupa-se a genealogia com o papel e o fazer do geógrafo. Esse sim é quem vai sugerir quais diferentes formas de racionalidade estarão qualificadas como eminentemente geográficas.
- 20 Para explorar as estratégias e propósitos da genealogia Matless usa um engenhoso exemplo. Convidado a compor um verbete sobre uma ilustre, ainda que bastante controversa, personagem da Royal Geographical Society – o explorador imperialista britânico Sir Francis Younghusband – Matless se viu na delicada posição de ter de escolher quais caminhos seguiria para compor uma história de Younghusband que

pudesse contemplar os desejos dos editores do Novo Dicionário da Biografia Nacional sem abrir mão de sua autoria na produção de um documento histórico.

- 21 Segundo Matless (1995, 406), a genealogia de Foucault baseada numa estratégia dupla de apreensão do fenômeno era o caminho adequado. De um lado, o trabalho documental meticuloso e paciente do historiador – que em grande medida alimenta nosso imaginário a respeito dessa figura. De outro lado, assume-se o emaranhado confuso da construção das idéias que revela a “performatividade da história” exigindo assim a adoção de um estilo de narrativa.
- 22 Tal posição, que assume a tensão produtiva da dupla estratégia de Foucault, possibilita pensar numa outra metáfora que não sugere uma matriz seminal na evolução de uma espécie e sim semeia um rizoma mundial. Nas palavras de Matless “a genealogia, ao desencaminhar e reencaminhar linhas principais, apresenta a história de um rizoma ao invés da história de uma espécie” (1995, 407).
- 23 O uso da história como um poderoso elemento de legitimação é um tópico atual e efetivamente importante ao se considerar os propósitos da escrita da história e os deveres daqueles que as escrevem. Nesse ponto, Matless recorre mais uma vez à genealogia como uma eficiente estratégia para suprimir – e não resolver, ressalta-se – o velho dilema de escrever a história em termos de uma legitimação ou deslegitimação. Daqui se depreende uma questão crucial, e que, como será visto, atravessa todos os artigos que compuseram o debate da *Transactions*: a história da geografia deve servir para ampliar o sentido da disciplina hoje, ou ainda, o sentido da geografia no futuro?
- 24 Um ponto fundamental da reflexão de Matless nos propicia pensar se a história deve ser convocada para decidir combates contemporâneos para que novos objetos da investigação geográfica sejam legitimados. A reflexão, de fato, lança luz ao debate dos propósitos da história. Esse sim precisa ser feito com frequência nos fóruns adequados.
- 25 Para essa questão, recorro as sentenças finais de Matless:

A genealogia deve resistir ao oferecer novas histórias para novas naturezas de geografia, resistir a qualquer uso da história como uma válvula hartshorniana controlando o fluxo do passado que influencia a condição presente. Dada a reconfiguração contemporânea da geografia, uma genealogia da geografia pode de modo útil atuar contra qualquer tendência em prol de um novo fundamento geográfico para solidificar em territórios distintos apoiados em novas tradições encontradas. A genealogia oferece diferentes e menos sólidos efeitos da história (1995, 408).

Linhagem e descendência

- 26 Felix Driver, professor da Royal Holloway da Universidade de Londres, assina o segundo artigo intitulado *Submerged Identity*. Driver dedicou-se longamente ao estudo da chamada geografia do império, interessando-se pelas culturas de exploração. Atualmente tem seu foco nas pesquisas sobre artes visuais e geografia e ainda outros temas relacionados à historiografia da disciplina.
- 27 Com o propósito de refletir sobre a noção de tradição geográfica, Driver (1995) aborda o processo de fusão do Institute of British Geographers (IBG) com a Royal Geographical Society (RGS) que teve início em 1992 e foi formalizado no início de 1995. O processo de fusão fomentou uma série de debates e artigos de cunho histórico sobre as duas instituições britânicas. Discutindo o uso de metáforas familiares, utilizadas por um antigo

presidente da RGS para descrever a nova relação entre as duas sociedades, Driver procura pensar os propósitos de se escrever histórias fazendo uso de noções de parentesco, linhagem e descendência.

- 28 Segundo Driver, o modo como a fusão foi retratada em termos familiares impediu que uma reflexão frutífera sobre a forma como a história vive no presente pudesse acontecer na academia. A crítica de Driver recai sobre o uso do que seria uma abordagem familiar na construção da história da geografia, expressa na noção de tradição geográfica. Segundo Driver (1995, 410) a prática de retratar a tradição geográfica num modelo de árvore genealógica de idéias encobre a heterogeneidade dos conhecimentos geográficos.
- 29 A metáfora familiar usada no tratamento do processo de fusão revela, segundo Driver, um sistema de castas que prevaleceu no chamado establishment geográfico britânico. O objetivo de Driver nesse ponto é refletir sobre as supostas noções de linhagem e descendência utilizadas por muito tempo na construção da história da disciplina como forma de ilustrar um campo do conhecimento geográfico inquestionável posto legítimo.
- 30 A partir de um interessante e breve relato do ano de 1872 na vida de três reconhecidos personagens do período imperial da RBG, Driver (1995) procura demonstrar, retratando as inúmeras diferenças nas visões de mundo e nas práticas dos personagens, a extraordinária heterogeneidade do conhecimento geográfico associado à RBG. Conforme suas palavras,
- qualquer tentativa de reconstruir a tradição geográfica (mesmo uma, como aqui, que confina seu foco ao coração institucional da geografia britânica durante a era do império) deve reconhecer seu caráter imensamente diverso e fraturado (Driver, 1995, 413).
- 31 Driver conduz ao final de sua intervenção no debate sugerindo que na constituição de tradições geográficas cruzam-se conhecimento científico e popular, ortodoxia e transgressão, mentes e corpos. Nesse caso, indaga Driver sobre a possibilidade de se escrever uma genealogia dessas tradições em termos não familiares.

Exclusão e Apagamento

- 32 Gillian Rose assina *Tradition and Paternity: same difference?*. A autora é atualmente uma das maiores referências da chamada geografia feminista, tendo publicado importantes trabalhos sobre o tema na perspectiva da produção do conhecimento geográfico. Rose (1995) no artigo em questão leva o tema da tradição em termos semelhantes ao de Driver (1995), pondo em xeque o velho hábito das analogias familiares baseadas em um modelo paternal no tratamento das idéias geográficas, especialmente na determinação das tradições disciplinares. O ponto de incisão da autora é a invisibilidade renitente da prática das mulheres na construção dos conhecimentos geográficos.
- 33 Rose (1995) faz coro a respeito da necessidade de se repensar os propósitos da prática de escrever histórias. Seu interesse recai sobre os modos pelos quais a construção das tradições geográficas são, ao mesmo tempo, a construção da semelhança e da diferença.
- 34 Rose sustenta que o processo de construção das tradições, entendidas como “as representações de um passado e o aspecto específico desse complexo processo de representação” (1995, 414), revela uma prática constante de inclusão e exclusão.
- 35 A partir da exclusão das mulheres viajantes do período vitoriano na escrita dessas histórias, Rose (1995) discute duas práticas complementares, a prática da exclusão,

quando há a ocultação de fatos e personagens – que Rose vai identificar como os outsiders, e a prática do ‘apagamento’ quando a prática anterior, da exclusão é devidamente ‘esquecida’.

- 36 Segundo Rose tal prática está em ação em histórias recentes da geografia, incluindo aquelas que rejeitaram enfaticamente narrativas puramente disciplinárias ou mesmo evolucionistas. Entretanto, como ressalva Rose (1995, 415), mesmo que construindo histórias desarticuladas ou embebidas em seu contexto, a invisível prática da exclusão ainda opera.
- 37 Uma ideia muito importante presente no texto merece uma atenção especial, ao comentar a reiterada prática da exclusão na escrita das histórias da geografia Rose sentencia:
- A geografia tantas vezes se definiu contra o que se insiste que não é, que escrever suas histórias sem considerar o que tem sido construído como não geografia é contar apenas metade da história (1995, 415).
- 38 O próprio fato de na construção das histórias da disciplina estarem presentes apenas os conhecimentos ditos geográficos seria uma clara replicação da prática do apagamento da geografia dos outros. O que sabemos hoje e que compõe o que entendemos por tradições dentro da geografia seria, então, resultado de práticas de exclusão sucessivas.
- 39 A íntima relação entre o que se sabe e o que se pode saber, que revela a dimensão do poder na construção das narrativas históricas é um importante tópico que Rose (1995) discute e que reconhecidamente já faz parte das reflexões mais atuais a respeito da prática historiográfica. Por meio dessa discussão é possível colocar em pauta a questão do gênero na construção das histórias da disciplina. Como bem aponta Rose (1995, 416), mesmo relativizando o que sabemos a respeito do passado, em função do reconhecimento da permanência da prática do apagamento, uma idéia segue implacável: a geografia é feita por homens, em sua maioria, brancos e ocidentais.
- 40 Para Rose (1995), a construção das tradições geográficas reiteradamente baseia-se numa abordagem de descendência paterna, revelada, por exemplo, na eterna busca pelos pais da disciplina e consequente seleção de herdeiros. Rose (1995) chama atenção para os tipos de masculinidade produzidas nesse processo. Existiria, de um lado, o filho pródigo da masculinidade acadêmica, aspirante a grande homem, que bem utiliza uma tradição paternal como forma de legitimar sua maturidade intelectual. Do outro lado, o filho rebelde, que renega a linha ascendente paterna para criar a sua própria e gerar assim seus descendentes. O propósito de Rose (1995) ao fazer uso de tais representações familiares é sugerir que há mais em jogo na disputa pela linha de sucessão das tradições que a busca pelo refinamento teórico e pelos lugares privilegiados na academia. Rose (1995) aponta para a existência, e por vezes preponderância, de dinâmicas complexas que envolvem as questões de gênero, classe e raça. Mas segundo a autora, apesar das complexidades o que segue imutável é o modo como o feminino é manifestamente excluído.
- 41 Considerando então a invisibilidade da mulher o papel da geógrafa feminista se torna crucial para produzir uma resposta à tradição geográfica paternal. Uma das grandes contribuições de Rose (1995) ao debate das tradições é o entendimento que dá à noção de tradição dentro de um espaço analítico delimitado pelas práticas de inclusão, exclusão e apagamento. Esse espaço formaria por assim dizer um território que seria “um espaço transparente no qual a história dos conhecimentos geográficos (e seu contexto) se tornam visíveis para os historiadores como auto evidentes (Rose, 1995, 416)”.

- 42 Ao avaliar *The Geographical Tradition* (Livingstone, 1992), Rose (1995) sentencia-o como mais um trabalho que opera na lógica da territorialização transparente que aniquila a ação dos outsiders. A história contextual ofertada por Livingstone (1992), na perspectiva de Rose, não reflete a respeito de sua localização específica de historiador – o que, em grande medida, possibilitaria alguma discussão mais profunda a respeito de seus horizontes e limites de visão. Ainda assim, a contextualização serviria como uma máscara da transparência histórica que impede ao leitor enxergar as exclusões e posteriores apagamentos a que foi submetida, de tal modo que tudo o que não está lá ou não existiu ou é irrelevante.
- 43 Segundo Rose (1995) a resposta a ser dada pelas abordagens alternativas, onde se incluem as feministas, é a de substituição dessa espacialização transparente. A mulher não deve ser inserida nessa estrutura, este seria um dilema crítico como Rose identifica. A estratégia de inserção não produz a diferença e sim a semelhança com o que já existe na tradição. Uma estratégia alternativa seria a explicitação da condição de outsider da mulher, celebrando-se nesse caso sua diferença. Nesse ponto, Rose (1995) faz uma interessante ponderação sobre essa estratégia demonstrando o problema que nela se encerra. Ao celebrar a alteridade corre-se o risco de se sair em defesa de uma definição essencialista e por isso mesmo bastante problemática da condição feminina como oposta à condição masculina.
- 44 Para Rose (1995) a tarefa da geografia feminista é refletir sobre as fronteiras da territorialização da tradição nas quais a diferença é definida. Quem define, por que define e como se define esse espaço transparente da tradição são questões cujas respostas condicionam as ações alternativas que possibilitariam a criação de um espaço múltiplo de análise que articule fronteiras, distinções e disjunções ao invés de apagá-las. Como conclui a autora, que seja possível pensar e criar
- um espaço que possa reconhecer a exclusão como intrínseca ao processo de inclusão, um espaço através do qual a diferença que o gênero tem na produção dos conhecimentos geográficos possa ser reconhecida (Rose, 1995, 416).

A Volta dos mortos-vivos

- 45 Dentre todos os artigos, sem dúvida o assinado por Clive Barnett (1995) é o mais contundente. Barnett é professor da Open University na Inglaterra. Apesar de focar seus estudos atuais em temas como espaço público, democracia e urbanização, Barnett tem diversas publicações resultantes de estudos sobre temas característicos da abordagem poscolonialista. No conjunto de artigos publicado na *Transactions*, com o provocativo título *Awakening the dead: who needs the history of geography?* que já sugere sua questão central sobre a necessidade mesma de uma história da disciplina, Barnett (1995) vai um pouco mais além na crítica desenvolvida pelos demais autores que compõem o conjunto, pois contesta a adoção de novas perspectivas de análise abertas pela incorporação dos estudos culturais e pós colonialistas.
- 46 No artigo, Barnett (1995) inicia declarando que sua intenção é questionar o argumento segundo o qual a importância dos estudos da história da disciplina está assentada na idéia de ser o passado chave para entendimento do presente. Barnett (1995) comenta o fato de que em seu livro *The Geographical Tradition* – obra proclamada como exemplo de uma abordagem contextual da história – Livingstone (1992), após seu relato do que foi a geografia quantitativa, afirma ser impossível discutir as críticas subseqüentes pois ainda

seria muito cedo para tentar elucidações contextuais de eventos tão recentes. Para Barnett (1995), a posição de Livingstone cristaliza uma idéia que ele vai chamar de metafísica do contexto, que seria um relutante reconhecimento de que a abordagem contextualista não dá conta de se dirigir de maneira crítica e evidente ao único contexto que realmente interessa, o contemporâneo. Essa posição indica que a contextualização só funciona em algo que já não muda mais de forma e que pode, portanto, ser apreendido como um objeto do conhecimento. É como se a noção de contexto representasse algo que o pesquisador não estaria, de forma alguma, fazendo parte. Barnett (1995) vai além em sua crítica e afirma que a contextualização dá suporte a um modo de juízo crítico que pressupõe uma posição necessariamente externa ao contexto que está sendo examinado. Tal modo de juízo garantiria uma distância segura a partir da qual o historiador poderia decidir quais foram os elementos catalisadores que mobilizaram os atores envolvidos na produção do conhecimento.

- 47 Seguindo esse argumento de Barnett (1995), entende-se que o contexto acabaria por desqualificar e não legitimar qualquer tipo de intervenção transformadora e genuinamente radical na configuração contemporânea da disciplina. Tal constatação faz cair por terra a idéia de ser o passado chave de entendimento do presente (podendo portanto levar a sua própria transformação). Barnett expõe o que seria uma conclusão lógica bem simples: “porque a ciência espacial e a geografia pós positivista ainda não estão mortas, resistem a contextualização” (1995:417). Ou seja, só se critica o que não mais está em voga. Portanto, posicionar-se criticamente em relação a uma abordagem atual é uma decisão parcial, na medida em que ainda se está imerso no mesmo contexto.
- 48 Muito embora haja certo radicalismo nos termos que usa para avaliar o modo como se comportam os historiadores da geografia, fundamentados nas abordagens contextuais e críticas, a posição que Barnett assume é interessante pois é capaz de suscitar uma discussão adiada sobre a maneira de se ver e de se construir a história da disciplina. Obviamente não existe mais o apelo a uma história da disciplina, ou melhor à história da disciplina. O artigo definido caducou há tempos e o indefinido só faz sentido se empregado no plural. Não há uma e sim muitas histórias da geografia. O ponto é que esse posicionamento só representará de fato um avanço se o próprio sentido de história for questionado, o que, como deseja argumentar Barnett (1995), não acontece de fato.
- 49 Para Barnett (1995, 417), os geógrafos já saberiam desqualificar o empiricismo que caracterizava as antigas histórias de um objeto aceito como verdadeiro chamado geografia. Mas esse empiricismo do objeto persistiria no que tange à própria noção de história e é isso que Barnett se dispõe a discutir. Conforme suas palavras seria uma heresia questionar o aparentemente inquestionável papel da perspectiva histórica (Barnett, 1995, 417), mesmo, e talvez principalmente, a partir do momento em que ela assume uma posição crítica, renovada e contextual. E com isso, não se coloca em questão, por exemplo, a natureza da histórica relação de noções como discurso geográfico e conhecimento geográfico. É como se os historiadores da geografia atuassem com um entendimento a priori de que toda a geografia feita no passado é o passado da geografia corrente.
- 50 Sendo assim, Barnett aponta que é somente por meio do reconhecimento que muito daquela história é hoje simplesmente redundante que se é capaz de identificar quais porções da geografia do passado permanecem vivas e ativas como o passado da geografia hoje. Essa idéia de Barnett é a mais valiosa. E por isso, a mais útil aqui. Pois coloca em questão o modo como se posicionar diante do passado e questionar quais porções dele

devem ficar para compor o que é o passado do hoje. Por mais ‘metafísica’ que possa parecer essa questão, ela lança luz sobre um velho problema da história, ao colocar em evidência a arbitrariedade que conduz o trabalho daquele que se propõe a contar determinada história, pois cabe a ele escolher quais seções do passado da disciplina podem e devem ser acolhidas. E esse velho problema, já é mais que sabido, independe de qual história se deseja contar, seja oficial ou oficiosa, convencional ou contextual.

- 51 Ainda seguindo a argumentação desenvolvida por Barnett, a lacuna nas discussões sobre esse e outros problemas da história, se relaciona a uma inabilidade dos trabalhos em história da geografia para produzirem um relato de maneira convincente de suas próprias condições de emergência. Quando a nova historiografia da disciplina produz seu discurso de legitimação o faz por meio de um apelo a uma série de narrativas épicas das últimas duas ou três décadas da geografia. Nesse sentido, para Barnett não há novidade alguma na nova historiografia da disciplina, que tem desde sempre procurado fornecer certas auto-representações da vocação profissional, relatos sobre o que os geógrafos devem fazer. Segundo Barnett, isso sempre foi feito, no entanto ele reconhece uma diferença fundamental no modo pelo qual o passado é ressuscitado em prol de posicionamentos contemporâneos. O ressurgimento da história da geografia como tal indica uma tendência, renovada entre os geógrafos críticos, de exumar cadáveres apodrecidos para revelar sua astúcia e assim enterrá-los novamente. Nomes do passado não são mais venerados, porém ainda são utilizados para que ganhem um novo significado no passado da disciplina. Este recurso a tais narrativas de legitimação demonstra, na verdade, a insistente ausência de uma análise dos papéis jogados pelos atores produtores do conhecimento nos novos campos de estudo, análise que poderia avaliar as possibilidades e limites de tais novos campos.
- 52 Para Barnett, o motivo pela qual os geógrafos precisam de uma história não é por conta do incontestável apelo de entender o passado da disciplina como se esse passado necessariamente ainda sustentasse o presente. O motivo é o fato de o passado poder ser facilmente usado para servir como um campo de discussão conveniente no qual se pode praticar diferentes tipos de teorias. Neste ponto, Barnett não economiza ironias ao se referir a nova onda de aportes analíticos da crítica literária, dos novos estudos culturais e sociais e dos pós coloniais. Em suas conclusões (e na melhor seção de seu texto), Barnett comenta que os geógrafos estão bastante ocupados em agarrar seu bocado de culpa colonial justamente para não perder seu bocado nos despojos do mais excitante e inovador campo da teoria contemporânea. E é aqui que o argumento do passado como chave de leitura do presente cai por terra, porque os geógrafos estariam mais interessados em seguir essa tendência (que hoje corresponde a principal forma de comunicação interdisciplinar que tem a sua disciplina) para atender a pressões por novas formas de filiação profissional que propriamente em procurar no passado da disciplina traços e repercussões que existem na geografia do presente.

A exaustão do contexto

- 53 Após ver diversos aspectos de sua obra serem esquadrihados, criticados e, em algumas instâncias, veementemente rejeitados, coube a Livingstone a tarefa de fechar o ciclo de debates com sua contribuição ao tema das tradições geográficas. Livingstone leciona na Universidade de Belfast na Irlanda do Norte. Suas pesquisas atualmente, versam sobre o papel do lugar na produção do conhecimento científico apontando para um possível novo

campo da geografia da ciência. Um bom caminho para conhecer esse trabalho do autor é o livro *Putting Science in It's Place*, publicado em 2003, pela Chicago University Press. O projeto mais recente de Livingstone, que diga-se vem ganhando espaço e notoriedade entre os estudiosos dos chamados *science studies*, dos quais se destacam Bruno Latour, Steven Shapin entre outros, trata da difusão e apropriação da teoria darwinista, a partir de uma perspectiva eminentemente geográfica com ênfase no papel do espaço e do lugar no processo.

- 54 O problema dos vícios do enciclopedismo, dos excessos da análise contextualista, que seria justamente uma exaustão do sentido do texto na redução do contexto e a defesa pela história das tradições são os aspectos centrais da argumentação que Livingstone (1995) desenvolve em *Geographical Traditions*, o artigo que fecha o debate na *Transactions*. O artigo é pequeno, pouco menos que quatro páginas para responder, ou ao menos reencaminhar, muitas questões suscitadas nas falas anteriores, e ao fazê-lo, Livingstone é assertivo em defender a necessidade de uma análise que leve em conta a reciprocidade do texto e do contexto.
- 55 Para começar, Livingstone (1995) assim como Barnett (1995) faz em seu artigo, atesta a expurgação prevalecente à época do artigo definido no discurso acadêmico. A esse movimento, Livingstone dá o sugestivo nome de “pluralização pós moderna imperativa”. Sua intenção é, então, analisar as motivações que encaminharam para as mudanças na historiografia da geografia, ao menos na Inglaterra. O impulso pós colonial seria a motivação principal para que se repensem as tradições geográficas, e que se lance luz àquelas que ficaram escondidas da visão acadêmica ocidental.
- 56 O argumento central de Livingstone é que continua sendo válido manter a noção de tradição geográfica, uma vez que esta revela a ideia de pertencimento dos geógrafos a uma tradição de pesquisa, independente das diferenças internas e debates que nela aconteçam. A ideia é que essa tradição de pesquisa tem uma narrativa, e esse atributo garante sua historicidade.
- 57 Livingstone (1995) acredita que é preciso levar a sério a ideia de tradição para que assim seja possível avaliar suas incoerências, por isso, seu objetivo é demonstrar que a tradição geográfica é uma tradição de investigação situada socialmente, historicamente e intelectualmente e possui uma posição metodológica característica.
- 58 Para ilustrar tal proposição Livingstone (1995) procura colocar em contraste o método de pesquisa histórica característica do historiador das tradições com duas posições historiográficas distintas: o enciclopedismo, com origem no pensamento iluminista que possui adeptos até os dias atuais e o método genealógico, cuja origem estaria na genealogia da moral de Nietzsche, tendo sido posteriormente desenvolvido por Foucault e que encontra largo esteio na perspectiva contextualista da história.
- 59 O enciclopedismo é, nas palavras de Livingstone (1995, 420), a quintessência da estratégia iluminista de tratamento da história. A confiança depositada na racionalidade iluminista baseada no progresso moral e social da civilização humana tornou os enciclopedistas arautos do progresso inexorável e semeadores da ideia segundo a qual o conhecimento se tomado a partir de padrões, critérios e métodos universais seria o produto convincente, transcendental e neutro da investigação científica.
- 60 Pois bem, essa representação quase caricatural sobre o enciclopedismo para Livingstone continua a informar uma boa dose da prática acadêmica do presente. A história do conhecimento geográfico do século XX tem sua ênfase no progresso cumulativo, nos

grandes nomes da história e na catalogação de feitos, pessoas e publicações referenciais. Tal posição torna uma possível mirada metodológica em direção ao papel das circunstâncias sociais, intelectuais e morais pouquíssimo relevante. Livingstone comenta que considerando a proliferação de dicionários e outros trabalhos de referências o enciclopedismo possui ainda bastante adeptos entre os interessados pelas histórias da disciplina.

- 61 A segunda modalidade de investigação histórica tem seu ponto de partida na genealogia da moral de Nietzsche, tendo sido posteriormente desenvolvida nos escritos de Foucault. A genealogia em Nietzsche se configura como um exercício desmascarador por revelar que toda discussão em torno da moral e da verdade era, de fato, vontade de poder. Nesse caso e voltando-se ao método enciclopedista, as pressuposições a respeito dos padrões, critérios e métodos estavam, na verdade, em disputa. Ao posicionar, a partir de um resgate etimológico, a noção de moral na instância do real, imersa nas condições históricas contingenciais, Nietzsche comete o abandono da idéia da transcendência alinhando origem e sentido no mesmo patamar. Ao apresentar tal movimento na filosofia nietzscheana, Livingstone (1995) pretende demonstrar que a genealogia se torna então numa estratégia histórica anti-essencialista antípoda ao enciclopedismo.
- 62 Nesse ponto percebe-se a convergência dos argumentos de Livingstone (1995) com os de Matless (1995) a respeito do método genealógico que defende em seu artigo. A estratégia basilar da genealogia é a da subversão asseverando o fim da transcendência. Todos os elementos se encontram no mundano campo do historicamente contingente. Portanto tudo o que nele se afirma, se afirma desde um ponto de vista particular. Conforme comenta sabidamente Livingstone (1995) as implicações dessas idéias têm proporções épicas para as ciências humanas vistas sob a perspectiva genealógica.
- 63 Mas Livingstone vê problemas, e não são poucos, na adoção da perspectiva da genealogia na construção das histórias da geografia. O impulso genealógico teria causado um impacto considerável em certos setores da comunidade geográfica, especialmente aqueles que adotaram de forma radical o desenvolvimento de Foucault.
- 64 Livingstone sugere que o engajamento ao método genealógico, ainda que tenha possibilitado uma abertura a novas frentes de pesquisa ocupadas com a relação entre conhecimento e poder por exemplo, produziu uma franca corrida para que se revelassem os verdadeiros desígnios da geografia, em ações mais temerárias que sistemáticas e substanciais.
- 65 E quanto aos historiadores da tradição, qual lugar metodológico ocupam nessa história? Se para Livingstone (1995, 421) os enciclopedistas assumem uma racionalidade desengajada e o genealogista negocia sua história em total contingência e descontinuidade, o historiador da tradição trabalha com a ideia segundo a qual as tradições, quando vitais, encarnam continuidades de conflito. Livingstone é categórico ao afirmar que a tradição de pesquisa é um argumento historicamente situado e socialmente encarnado. Ao historiador da tradição é preciso tomar de forma séria as continuidades de conflito mantendo a possibilidade de um progresso racional dentro das tradições. O que Livingstone argumenta é que estar dentro de alguma tradição particular – que pelo visto todos estamos mesmo não querendo admitir – é condição para se comprometer com a formulação, justificação racional e crítica dos relatos de uma racionalidade teórica e prática. Para Livingstone pensar a geografia como uma tradição de pesquisa permite a possibilidade de escrever narrativas que conformam circunstâncias historicamente contingentes nas quais certas práticas e princípios puderam se desenvolver, sem incorrer

no risco de reduzir inteiramente o conhecimento produzido às contingências temporais e espaciais.

- 66 O que se depreende da análise dos argumentos de Livingstone é a ideia que de fato importa o período, importa o lugar no qual o conhecimento foi produzido, assim como importam os grupos que detinham os instrumentos para essa produção, entretanto, crer que não se pode afirmar a existência de uma, ou mais de uma, tradição de pesquisa que conseguiu ultrapassar barreiras de tempo e espaço é reduzir imensamente as chances de estabelecer uma crítica coerente dessas mesmas tradições.
- 67 E este seria o furo do enciclopedismo e da genealogia. Ambas perspectivas se encontram em um dilema auto referencial que desestabiliza qualquer afirmação que façam dentro de suas próprias narrativas (Livingstone, 1995:422). Isso porque para que seja possível manter coerentes suas afirmações tanto o enciclopedista quanto o genealogista precisam isentar suas próprias declarações do tratamento ao qual submeteram todas as demais afirmações. O enciclopedista precisa do contexto e o genealogista precisa da transcendência.
- 68 Esse é o ponto chave do artigo de Livingstone, é a resposta vigorosa que dá em defesa das histórias da tradição. Concordando, ao final, com Rose (1995) e Driver (1995) ao defenderem a necessidade de uma subversão interna, Livingstone acredita que “conceber a geografia como uma tradição de pesquisa (...) possibilita na não apenas uma nova, mas uma melhor relação entre conhecimento e poder para ser atingida” (Livingstone, 1995, 422).

Sobre o agora: que histórias queremos?

- 69 O conjunto de cinco artigos reunidos sob o título *Geographical Traditions: rethinking the history of geography*, como visto, foram motivados pelo entusiasmo por uma nova historiografia da disciplina, reflexo do renovado interesse com a história da geografia associado à conjunção de diferentes movimentos, dentre os quais a chegada de novo aparato metodológico com base nos estudos culturais, na perspectiva feminista e nas contribuições dos *science studies*. Novas proposições dentro da historiografia conduzem os geógrafos a uma reflexão sobre as diversas formas que o conhecimento geográfico adquire em discursos da geografia que necessariamente possuem uma história bastante complexa.
- 70 A funcionalidade do método genealógico; a pertinência ou não de sustentar a existência de tradições de pesquisa; o questionamento da busca por uma identidade inviolável da geografia no passado; a inconveniência do uso de termos familiares; a necessidade de se expor a prática da exclusão e do apagamento na escrita da história foram alguns dos tópicos presentes no debate e analisados aqui. Conforme exposto ao início do texto, a motivação foi compartilhar tais idéias. O anseio é que elas possam ecoar mais profundamente nas pesquisas que realizamos e que envolvem o passado da disciplina.
- 71 O que se retém, finalmente, da análise dos artigos são duas constatações. A fragilidade da perspectiva tradicional da história cumulativa universalizadora e o esgotamento da perspectiva contextualista apontou para a necessária revisão de métodos e propósitos da escrita da história da disciplina. Tal revisão, por sua vez, abriu caminho para a adoção das chamadas perspectivas pós-positivistas (o recurso a essa nomenclatura se justifica pois é

dessa forma que se referem os autores em questão) pelos pesquisadores interessados na história da disciplina segue como um tema a ser discutido.

- 72 De fato, justamente por possuírem a capacidade de contestar as histórias oficiais do conhecimento, criando obstáculos para as narrativas 'ajustadas' que parecem inevitáveis, do progresso e da realização, tais abordagens alternativas se mostram bastante úteis no esforço daqueles que se propõem o estudo da história da disciplina. A alusão à caixa-preta da ciência, por exemplo encontrada na obra de Bruno Latour (1999), é bastante oportuna para quem pretende denunciar narrativas de trunfos teóricos e práticas ideais constituintes de uma evolução do conhecimento tida como inexorável, pois sustenta que a possibilidade de realização da ciência se dá, precisamente, por força dos imperativos sociais, dos interesses locais, dos jogos de poder que a circunscrevem.
- 73 Entretanto a adoção de novas abordagens não pode ser feita sem que faça dela um exame crítico efetivo e constante. Os geógrafos devem questionar a chegada desses novos aportes na geografia, avaliando sua extensão, sua plausibilidade nas investigações empreendidas e, principalmente avaliar os ganhos que de fato essa chegada representa. Somente essa posição crítica possibilitará que a geografia não incorra no fatal erro de adotar apenas um vocabulário atual para tratar suas velhas questões.

BIBLIOGRAPHY

Barnett, C. (1995) Awakening the dead: who needs the history of geography? Transactions of the Institute of British Geographers, 20, 4. 417-19.

Driver, F. (1995) Submerged identities: familiar and unfamiliar histories. Transactions of the Institute of British Geographers, 20, 4. 410-13.

Latour, B. (1999) Ciência em ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora Unesp.

Livingstone, D. (1995) Geographical traditions. Transactions of the Institute of British Geographers, 20, 4. 420-22.

Livingstone, D. (1992) The geographical tradition: episodes in the history of contested enterprise. Blackwell, Oxford.

Matless, D. (1995) Effects of history. Transactions of the Institute of British Geographers, 20, 4. 405-09.

Orwell, G (2009) 1984. São Paulo: Cia das Letras.

Rose, G. (1995) Tradition and paternity: same difference? Transactions of the Institute of British Geographers, 20, 4. 414-16.

ABSTRACTS

O presente artigo tem como objetivo analisar as principais ideias a respeito dos propósitos e métodos das escritas da história da geografia que compõem o conjunto de artigos publicados na *Transactions of the Institute of British Geographers* em 1995. Tal conjunto de artigos é resultante de um debate ocorrido no mesmo ano sobre o tema das tradições geográficas, a partir da obra *The Geographical Tradition* (1992) do geógrafo britânico David Livingstone.

El presente artículo tiene como objetivo analizar las principales ideas acerca de los propósitos y métodos de la escritura de la historia de la geografía que componen el conjunto de artículos publicados en la *Transactions of the Institute of British Geographers* en 1995. Este conjunto de artículos es el resultado de un debate sucedido en el mismo año sobre el tema de las tradiciones geográficas, a partir de la obra *The Geographical Tradition* (1992) del geógrafo británico David Livingstone.

Cet article pour objectif d'analyser les idées principales sur les objectifs et les méthodes d'écriture de l'histoire de la géographie qui composent l'ensemble des articles publiés dans la publication *Transactions of the Institute of British Geographers* en 1995. Cette série d'articles est le résultat d'un débat qui s'est tenu dans la même année sur la question des traditions géographiques, du livre *The Geographical Tradition* (1992) du géographe britannique David Livingstone.

The goal of this paper is to analyze the main ideas about the purposes and methods of writing histories of geography presented in the set of papers published in the *Transactions of the Institute of British Geographers* in 1995. This set of papers is the result of a debate held in the same year about the geographical traditions, which had as a conductor the book *The Geographical Tradition* (1992) from the British geographer David Livingstone.

INDEX

Mots-clés: traditions géographiques, historiographie, récits historiques

Keywords: geographical traditions, historiography, historical narratives

Palabras claves: tradiciones geográficas, historiografía, narrativas históricas

Palavras-chave: tradições geográficas

AUTHOR

MARIANA LAMEGO

Doutorado em Geografia (UFRJ)

CEFET/RJ (Avenida Maracanã, 229, sala 202, bloco E – Maracanã, Rio de Janeiro)